A IMPORTÂNCIA DO USO DOS VÁRIOS GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA NO PROCESSO DE LETRAMENTO

DEBORA CAROLINE LEITE DE OLIVEIRA

RESUMO

Esse artigo se propôs a analisar o uso dos gêneros textuais em sala de aula no processo de alfabetização e letramento dos alunos, independentemente de sua faixa etária. Através da leitura e estudo de diversos autores, pôde-se perceber que alfabetização e letramento são processos distintos, embora muito próximos. O artigo apresenta uma reflexão sobre o processo de alfabetização desde os tempos coloniais, mostrando que o objetivo da educação era apenas a formação de mão de obra para o mercado de trabalho e que essa educação descontextualizada deixou em nossa sociedade uma grande parte de pessoas que embora saibam ler e escrever, não conseguem fazer uso desse conhecimento por não conhecerem o uso social da língua de uma forma estruturada ou não terem modelos que os indiquem como se posicionar na sociedade. Então enquanto alfabetizar é apresentar o Sistema da escrita alfabética, letrar é mostrar como fazer uso da língua em situações praticas do dia a dia. Nesse sentido, o artigo traz como uma possibilidade de letramento, o uso dos gêneros textuais em sala de aula, pois estes possuem características diferentes que refletem várias necessidades de comunicação tanto na forma oral, como na forma escrita e que carregam em si vários elementos culturais presentes na vida dos nossos educandos e também sugestão de trabalho como oficinas de leitura com discussões que ampliem a visão sobre o texto e que ensinem o aluno a compreender e fazer uso disso na sua pratica diária.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Gêneros textuais; Cidadania; Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

A grande função da escola é mais do que ensinar a ler e escrever. É preparar o aluno para a vida. A leitura e a escrita são sem dúvida a chave que abrirá muitas portas aos nossos educandos, permitindo que tenham êxito na sociedade em que vivem, atuando como cidadãos.

Em nossa sociedade, percebemos um grande número de pessoas que apesar de conhecer o Sistema de Escrita Alfabética (SEA), não conseguem compreender o sentido de um texto ou usar o que sabe para uma comunicação efetiva.

A falha disso pode estar na maneira em que se trabalha em sala de aula.

O aluno traz consigo uma bagagem que a escola tem a obrigação de sistematizar. Para isso, o professor deve fazer com que seu aluno tenha repertório e acesso às mais variadas formas de material.

O uso dos diversos gêneros textuais em sala de aula, além de fazer com que o ensino seja diferenciado e significativo, dará ao aluno um conhecimento mais amplo para que ele possa saber como se posicionar em diversas situações do seu cotidiano.

Além disso, o trabalho com gêneros textuais permitirá ao educando uma melhor capacidade de reflexão e desenvolvimento de sua consciência crítica diante da realidade social e política de nosso país.

Assim, esse trabalho justifica-se por apresentar as diferenças conceituais entre alfabetização e letramento como processos diferentes, mas que caminham juntos na formação do aluno. Além disso, pretende-se mostrar os benefícios do trabalho com gêneros textuais em sala de aula, a fim de promover uma aprendizagem contextualizada e significativa ao aluno, suprindo as defasagens no ensino que muitos alunos trazem consigo.

O projeto consiste numa revisão bibliográfica dos textos mencionados e artigos relacionados ao tema. O campo de estudos é bastante vasto, porém, todos apontam a necessidade da escola e do professor serem mais do que meros transmissores do processo do ler e escrever. Com isso, pretende-se mostrar a necessidade de se fazer um trabalho amplo, rico e diversificado no combate ao analfabetismo e analfabetismo funcional. Além disso, o artigo se propõe a analisar o

contexto histórico do desenvolvimento da ideia de alfabetização e letramento, além de fazer a reflexão sobre o uso de diferentes gêneros textuais e apresentar modelos de trabalho que serão de grande valia para orientar o docente em sua jornada profissional.

APRENDENDO ATRAVÉS DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Desde o início da colonização do Brasil, houve uma preocupação com alfabetização, porém, sempre outros interesses políticos e sociais indicavam os rumos que ela tomaria.

Segundo Freire (1989), não se pode negar que a educação tem uma natureza política, ou seja, ela está sempre associada ao objetivo político da sociedade. Isso significa que, quando falamos de educação escolar, devemos pensar "a favor de que" ou "de quem" a fazemos ou "contra quem" ou "o que" a fazemos.

Basta ver a evolução da educação no Brasil: no período colonial, o objetivo maior era catequizar os índios. Conforme o tempo passa a educação assume um caráter ora elitista, ora voltado para a produção de mão de obra para o trabalho, até os dias de hoje.

Somente em meados dos anos de 1980, o conceito de letramento começa a ser pensado em nossa sociedade.

É curioso que tenha ocorrido em um mesmo momento histórico, em sociedades distanciadas tanto geograficamente quanto socioeconomicamente e culturalmente, a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. Assim, é em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil, do illettrisme, na França, da iteracia, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização, alphabétisation. (Soares, 2003, p. 06).

A leitura é uma das habilidades mais essenciais que um ser humano pode desenvolver ao longo de sua vida. Ela não só permite o acesso ao conhecimento, à informação e ao entretenimento, mas também desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento pessoal. A capacidade de ler de forma fluente e compreensiva é um dos pilares da educação, influenciando diretamente o desempenho acadêmico, o sucesso profissional e a participação social de um indivíduo. Nesse contexto, a importância de aprender a ler em diversos jeitos e gêneros se torna ainda mais evidente.

A leitura é a porta de entrada para o mundo do conhecimento. Por meio dela, somos capazes de acessar informações, aprender novos conceitos, ampliar nossa compreensão de diversas áreas do saber e enriquecer nossa bagagem cultural. A leitura nos permite viajar para mundos desconhecidos, explorar diferentes realidades e expandir nossos horizontes, proporcionando uma experiência enriquecedora e transformadora. Quando aprendemos a ler em diversos jeitos e gêneros, ampliamos ainda mais nossas possibilidades de conhecimento, pois somos capazes de explorar uma variedade de temas, estilos e abordagens, enriquecendo nossa visão de mundo e fortalecendo nossa capacidade crítica e reflexiva.

A leitura também desempenha um papel crucial no desenvolvimento da linguagem e da comunicação. Ao ler diferentes tipos de texto, como narrativas, poesias, artigos de opinião, reportagens, entre outros, exercitamos nossa capacidade de compreender e interpretar mensagens escritas, desenvolvendo nossa habilidade de expressão e nossa capacidade de comunicação. A leitura nos ajuda a adquirir vocabulário, aprimorar a gramática e aperfeiçoar a escrita, tornando-nos mais eficazes na transmissão de ideias, emoções e informações. Aprender a ler em diversos jeitos e gêneros nos permite explorar diferentes formas de linguagem, enriquecer nosso repertório comunicativo e desenvolver competências fundamentais para a interação social e profissional.

Além disso, a leitura é um poderoso instrumento de desenvolvimento pessoal e emocional. Ao mergulhar em diferentes histórias, personagens e universos narrativos, somos capazes de vivenciar diferentes emoções, ampliar nossa empatia, compreender as perspectivas alheias e fortalecer nossa capacidade de se relacionar com o outro. A

leitura nos permite explorar o mundo interior e exterior, refletir sobre nossos próprios sentimentos e experiências, e nos conectar com o mundo ao nosso redor. Aprender a ler em diversos jeitos e gêneros nos possibilita acessar uma diversidade de vivências, visões de mundo e valores, ampliando nossa compreensão da complexidade humana e contribuindo para o nosso desenvolvimento pessoal e emocional.

Na escola, a leitura desempenha um papel central no processo de aprendizagem e formação dos alunos. Através da leitura de diferentes gêneros textuais, os estudantes têm a oportunidade de desenvolver habilidades de leitura crítica, interpretação de textos, análise de informações e produção de textos próprios. Ler em diversos jeitos e gêneros estimula a curiosidade intelectual, o pensamento reflexivo, a criatividade e a capacidade de expressão dos alunos, preparando-os para os desafios do mundo contemporâneo e para a construção de uma cidadania ativa e participativa.

No entanto, é importante ressaltar que a importância da leitura vai além do âmbito acadêmico. A leitura é uma prática fundamental para o desenvolvimento pessoal e cultural de cada indivíduo, independentemente de sua área de atuação ou nível de escolaridade. Ela nos permite acessar diferentes visões de mundo, conhecer diferentes culturas e ampliar nossa compreensão da diversidade humana. Aprender a ler em diversos jeitos e gêneros nos torna cidadãos mais críticos, informados e engajados, capazes de interagir de forma mais significativa com a sociedade e de contribuir para a construção de um mundo mais justo, democrático e solidário.

Diante disso, é fundamental que a leitura seja valorizada e incentivada em todos os níveis de ensino, desde a infância até a vida adulta. Os educadores têm um papel fundamental na promoção da leitura e no estímulo ao aprendizado em diversos jeitos e gêneros, criando estratégias e atividades que despertem o interesse dos alunos, ampliem seu repertório literário e contribuam para o desenvolvimento de suas competências leitoras e escritoras. Além disso, é importante que as famílias e a sociedade em geral reconheçam a importância da leitura e do aprendizado em diversos gêneros textuais, incentivando práticas de leitura em casa, apoiando a formação de bibliotecas comunitárias e promovendo eventos e atividades culturais que estimulem o gosto pela leitura.

Em resumo, a leitura e o aprendizado em diversos jeitos e gêneros são essenciais para o desenvolvimento integral do ser humano, contribuindo para sua formação acadêmica, cultural, pessoal e social. Ler nos permite ampliar nossos horizontes, enriquecer nosso repertório linguístico e cultural, fortalecer nossas habilidades de comunicação, desenvolver nossa capacidade crítica e reflexiva, e promover nosso desenvolvimento pessoal e emocional. Aprender a ler em diversos jeitos e gêneros é uma prática enriquecedora e transformadora que pode abrir portas para um futuro mais promissor e significativo. Por isso, é fundamental que a leitura seja valorizada, incentivada e praticada em todas as esferas da vida, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

No Brasil, a grande dificuldade é que os conceitos de alfabetização e letramento se fundem. Segundo Soares (2003), em 1940, considerava-se alfabetizado aquele que sabia ler e escrever seu próprio nome, passando pelo conceito de que alfabetizado era quem escrevia um pequeno bilhete.

Para Paulo Freire, a alfabetização deve ser capaz de levar o analfabeto a organizar reflexivamente o pensamento, desenvolver consciência crítica, introduzi-lo num processo real de democratização da cultura e de libertação (Freire, 1989).

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (Freire, 1989, n.p.)

Em outras palavras, a criança, antes de aprender a ler já traz consigo experiencias de sua vida pessoal. Ela já tem relações de amizade, já possui um conhecimento do mundo nas questões práticas do dia a dia, ou seja, já sabe o que é dia, noite, chuva, sol, lua, estrelas, sabe o que é o mar ou já experimentou um mergulho.

A partir do momento em que ela começa a

ler, ela passa a relacionar o que está escrito com coisas, experiencias e sensações já sentidas. A medida em que ela reconhece na escrita, na leitura da palavra aquilo que ela já experimentou através da leitura de mundo, tudo vai adquirindo um novo significado.

Segundo Mortatti (2004), é indispensável hoje que as pessoas saibam ler e escrever, e, além disso, que saibam utilizar a leitura e a escrita nas diversas situações da vida cotidiana. Esse processo será primordial para o desenvolvimento de uma nação e o exercício da cidadania.

Porém o que se verifica, é que ainda existe um grande número de analfabetos em nosso país. Dentro dessa estatística ainda temos os chamados analfabetos funcionais.

Analfabetismo funcional é a condição do indivíduo que embora tenha conhecimento das letras e números e saiba decodifica-los para escrever algumas palavras, não conseguem dar sentido e compreenderem aquilo que leem ou escrevem.

As causas disso são variadas e podem incluir defasagem no ensino, ou seja, qualidade baixa da educação com falta de recursos e professores, falta de hábito de leitura, desigualdade social pois sabemos que muitas pessoas deixam os estudos, ou não conseguem se dedicar pela necessidade de trabalho e dificuldade de acesso.

Ainda segundo Mortatti (2004), que faz uma análise dos censos realizados, em termos quantitativos, percebe-se um esforço para erradicar o analfabetismo. Porém, é necessário avaliar qualitativamente, pois todos sabemos que, aluno matriculado na escola não é garantia de alfabetização nem letramento.

Decorridos mais de cem anos desde a implantação, em nosso país, do modelo republicano de escola, podemos observar que, desde essa época, o que hoje denominamos “fracasso escolar na alfabetização” se vem impondo como problema estratégico a demandar soluções urgentes e vem mobilizando administradores públicos, legisladores do ensino, intelectuais de diferentes áreas de conhecimento, educadores e professores. (Mortatti, 2006, p. 3)

Antes de discutir sobre o uso dos Gêneros textuais, é necessário definirmos os conceitos de alfabetização e de letramento.

De acordo com Mortatti (2004), Alfabetização e letramento são termos relacionados, porém, diferentes. Alfabetização não é pré-requisito para o letramento:

Embora alfabetização não seja pré-requisito para letramento, este está relacionado com a aquisição, utilização e funções da leitura e escrita em sociedades letradas, como habilidades e conhecimentos que precisam ser ensinados e aprendidos, estando relacionado também com e escolarização e a educação e abrangendo processos educativos que ocorrem em situações tanto escolares quanto não escolares. (MORTATTI, 2004, p. 43)

Complementando essa ideia de Mortatti, Cagliari (2009), em seu livro "Alfabetização e Linguística" nos fala que o objetivo do ensino da língua portuguesa é mostrar o funcionamento da linguagem humana nas modalidades oral e escrita que possam ser aplicadas nas diversas situações de uso na vida cotidiana. Ensinar a língua Portuguesa não é ficar preso à gramática normativa da língua. Geralmente o aluno faz redações a pedido do professor, mas não vê finalidade naquilo. Escreve apenas o que o professor manda. Muitas vezes a escola esquece que o aluno já é um falante da língua e sua estrutura básica já é dominada por ele.

No ensino da Língua portuguesa é fundamental, essencial e imprescindível distinguir três tipos de atividades ligadas respectivamente aos fenômenos da fala, da escrita e da leitura. São três realidades diferentes da vida de uma língua, que estão intimamente ligadas em sua essência, mas que tem uma realização própria e independente nos usos de uma língua. (Cagliari, 2009 p.16)

Alfabetizar-se envolve muito mais que a simples memorização das letras e aprender seu traçado. Para ser considerada alfabetizada, a pessoa, seja criança ou adulto deve dominar o Sistema de Escrita Alfabética.

Esse sistema é muito complexo. Segundo Morais, conhecer o SEA implica, necessariamente, em saber que usamos letras para escrever e essas letras não podem ser alteradas, além disso, deve saber que nosso sistema de escrita é formado pela junção dessas letras, formando sílabas e palavras, que

por sua vez, segmentadas corretamente formam frases e textos com sentido completo.
Ao concebê-la como um sistema notacional, passamos a ver que habilidades como a memória e a destreza motora, necessárias ao ato físico de notar (registrar palavras com letras no papel, ou noutro suporte) estão subordinadas à compreensão, ou seja, às representações mentais que o indivíduo elabora sobre as propriedades do sistema (Morais, 2012, p. 44)
Segundo Soares, o conceito de alfabetização foi sendo alterado com o passar dos tempos. No início, a pessoa era considerada alfabética quando era capaz de assinar o seu nome. Até chegar ao conceito de que seriam alfabetizados aqueles que conseguissem produzir pequenos bilhetes. Ainda segundo Soares, os anos de escolarização não garantem a alfabetização funcional do indivíduo.
Podemos perceber hoje em nossa sociedade muitas pessoas que sabem ler e escrever, mas que não conseguem fazer um uso social efetivo da língua. São os chamados analfabetos funcionais
O analfabetismo funcional começou a ser percebido no mundo inteiro, não só no Brasil, de forma que quase simultaneamente, em vários países como Estados Unidos, França e Itália, o conceito do letramento passou a ser desenvolvido.
Letramento é o uso social da língua para uma efetiva comunicação. Uma pessoa letrada sabe se posicionar criticamente diante de toda e qualquer situação.
Porém, como já visto, alfabetização e letramento são fenômenos diferentes que devem caminhar juntos, pois um jamais anulará o outro.
"Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2003, p. 14)

USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO DE LETRAMENTO

Segundo Souza e Cosson (2011), ler é a competência que mais damos valor em nossa sociedade, pois tudo o que fazemos envolve algum tipo de leitura. “A vida é, a todo momento, permeada pela escrita”.
Então, qual a melhor forma de trabalhar a língua portuguesa em sala de aula para contemplar as questões colocadas pelos autores acima, ou seja, combater o analfabetismo e o analfabetismo funcional, procurando formar consciência crítica para exercício da cidadania, proporcionando um ensino significativo e contextualizado para o aluno? A resposta parece estar no uso dos gêneros textuais em sala de aula.
Antes de falar de sua importância, é necessário dizer o que são os gêneros textuais
Gêneros textuais são diferentes formas de linguagem que usamos na comunicação das diversas situações que acontecem na vida cotidiana. Para cada gênero existem características específicas que vão desde a linguagem usada, como estrutura e a finalidade a que ele se destina. Existem muitos gêneros textuais: descritivos, narrativos, instrucionais, mídias digitais, entre outros.
Os gêneros textuais são diversos, carregados de elementos culturais e que abrangem todas as situações de vida de nossos educandos aumentando o repertório e favorecendo a análise crítica da vida social do ser humano. “(Gêneros textuais) são tipos relativamente estáveis de enunciado presente em cada esfera de troca: os Gêneros textuais possuem uma forma de composição, um plano composicional”. (Koch, 2010, pag. 59)
Souza e Cosson (2011) ainda afirmam em seu artigo que o “letramento com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que

conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma."

Em seu artigo no material do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), SOUZA e LEAL (2012), afirmam que quando as crianças vêm à escola, elas já trazem consigo uma grande bagagem no que diz respeito ao conhecimento da língua e de forma informal já tem conhecimento da finalidade dos diversos gêneros textuais.

Seguindo o mesmo raciocínio, Koch fala que todo o ser humano, devido sua experiência pessoal desenvolve uma competência metagenérica, ou seja, devido às situações do nosso dia, já sabemos mesmo antes de aprender a ler e escrever, a diferenciar os gêneros textuais e saber sobre seu uso e finalidade. Ainda segundo Koch, produzimos textos seguindo modelos específicos, seguimos uma forma padrão. Se essa forma padrão não existisse, a comunicação se tornaria impossível.

Então, aproveitar esse conhecimento em sala de aula permitirá que se alfabetize letrando. Para isso, é necessário, o quanto antes, expor a criança aos mais diversos tipos de texto para que ela vá adquirindo um vasto repertório que a auxilie em seu dia a dia, dentro e fora da escola.

Além disso, pensando nessa perspectiva, os gêneros textuais permitem um trabalho amplo, interdisciplinar que faça com que a aprendizagem se torne significativa ao aluno.

Segundo Silva (2012), os gêneros textuais podem ser organizados em onze grupos (textos literários ficcionais; textos do patrimônio oral, poemas e letras de música; textos com finalidade de registrar e analisar as ações humanas individuais e coletivas e contribuir para que as experiências sejam guardadas na memória das pessoas; textos com a finalidade de construir e fazer circular entre as pessoas o conhecimento escolar/científico; Textos com a finalidade de debater temas que suscitam pontos de vista diferentes, buscando o convencimento do outro; textos com a finalidade de divulgar produtos e/ou serviços e promover campanhas educativas no setor da publicidade; textos com a finalidade de orientar e prescrever formas de realizar atividades diversas ou formas de agir em determinados eventos; textos com a finalidade de orientar a organização do tempo e do espaço nas atividades individuais e coletivas necessárias à vida em sociedade; textos com a finalidade de mediar as ações institucionais; textos epistolares utilizados para as mais diversas finalidades; textos não verbais).Este agrupamento permite que diferentes finalidades sejam trabalhadas.

Estas finalidades podem ser aplicadas aos diferentes gêneros textuais do mesmo grupo. Nesse raciocínio, ao aprender um gênero textual de cada grupo, o aluno é capaz de reconhecer suas principais características e aplicá-las nos demais textos, aumentando assim sua capacidade comunicativa.

Dominar um gênero consistiria no próprio domínio da situação comunicativa, domínio esse que se pode dar por meio do ensino de aptidões exigidas para a produção de um gênero determinado. O ensino dos gêneros seria, pois, uma forma concreta de dar poder de atuação aos educadores e, por decorrência, aos educandos. Isso porque a maestria textual requer – muito mais que os outros tipos de maestria – a intervenção ativa de formadores e o desenvolvimento de uma didática específica.(KOCH e ELIAS, 2010,p.61)

Percebe-se assim, segundo confirma Koch (2010) em sua obra, que quando criamos um texto, não somos livres para escrevermos da forma que quisermos. É necessário conhecer e usar os modelos pré-estabelecidos.

Contudo, é muito importante considerar que os "modelos" não são estáticos, mas com o passar do tempo e a necessidade social, as formas vão se alterando, necessitando assim, que todos se adaptem ao novo.

Um trabalho possível com gêneros textuais em sala de aula são as oficinas de leitura e produção de texto.

Na oficina de leitura, proposta por Souza e Cosson (2011) o professor seleciona um texto um texto literário. Nessa escolha o professor deve ter o cuidado na escolha do texto que será lido e deve ter o cuidado de "respeitar a integralidade da obra", ou seja, o texto deve ser respeitado integralmente. Nas oficinas, o professor deve ler o texto, mostrando ao aluno um modelo de comportamento leitor. Em alguns momentos essa leitura poderá ser compartilhada, com o docente in-

terrompendo propositalmente a leitura para indagar aos alunos o que eles pensam sobre o que está sendo lido, ou se imaginam um final possível para história, ou ainda qual será o acontecimento seguinte. Isso faz com que o aluno passe a refletir sobre aquilo que está lendo.

De acordo com Pressley (2002), são sete as habilidades ou estratégias no ato de ler: conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese. Claro que, ao ler, todas essas habilidades são colocadas em ação sem uma ordem específica, mas ao ensinar ao aluno tais mecanismos, o professor agirá didaticamente, explicando-os conforme surgem no decorrer da leitura do texto. (Souza e Cosson, 2011. P. 104)

Depois de ver o modelo do professor, o aluno deverá colocar em prática o que aprendeu, orientado a princípio pelo professor e posteriormente sozinho.

Já na oficina de produção textual, o professor propõe um gênero específico, oferece modelos para repertoriar o aluno, apresenta sua estrutura fundamental. Na sequência, o professor solicita que os alunos façam o seu texto. À medida que os alunos escrevem, o professor, atuando como um mediador orienta-os individualmente fazendo as intervenções necessárias.

Uma produção desse tipo permite que o professor trabalhe com o gênero textual, preparando o seu aluno para a comunicação na sociedade, além disso, permite que o professor ensine gramática, ortografia, pontuação, coerência e coesão textual de forma contextualizada, fazendo com que o aprendizado seja mais significativo ao aluno.

Sendo assim, o trabalho com gêneros textuais cumpre a sua proposta de alfabetizar letrando, de forma interdisciplinar, permitindo ao aluno a formação de uma consciência crítica para o exercício da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir a partir desse artigo que alfabetização e letramento são processos distintos, embora caminhem juntos de forma que um não é mais importante que o outro.

Além disso, percebe-se que a educação em nosso país caminha lentamente, de acordo com a necessidade política do país e nunca pela necessidade pessoal do aluno.

O letramento é um conceito fundamental no processo educacional, indo além da simples alfabetização e envolvendo a capacidade de ler, compreender e produzir diferentes tipos de texto. Nesse contexto, a diversidade de gêneros textuais desempenha um papel crucial na formação dos alunos, possibilitando o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita essenciais para sua inserção na sociedade.

Um dos principais benefícios do uso dos vários gêneros textuais em sala de aula é a diversificação do repertório linguístico e cultural dos estudantes. Ao explorar diferentes tipos de texto, como narrativas, poesias, artigos de opinião, cartas, entre outros, os alunos têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e compreender a variedade de formas de expressão existentes na linguagem escrita. Isso contribui para que se tornem leitores mais críticos e reflexivos, capazes de interpretar e analisar textos de maneira mais profunda.

Além disso, a utilização de vários gêneros textuais em sala de aula estimula a criatividade e a imaginação dos estudantes. Ao entrarem em contato com diferentes estilos de escrita, os alunos são incentivados a experimentar novas formas de expressão, desenvolvendo suas habilidades de escrita e enriquecendo suas produções textuais. Essa prática também contribui para que os alunos se sintam mais motivados e engajados com o processo de letramento, tornando as aulas mais dinâmicas e interessantes.

Outro aspecto relevante do uso dos vários gêneros textuais em sala de aula é a promoção da diversidade e da inclusão. Ao trabalhar com uma variedade de textos, os professores possibilitam que os alunos tenham acesso a diferentes perspectivas e realidades, ampliando sua visão de mundo e estimulando o respeito à diversidade. Isso é fundamental para a formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de compreender e valorizar as diferenças e de se expres-

sar de forma mais democrática e inclusiva.

Para implementar o uso dos vários gêneros textuais em sala de aula, os professores podem adotar diversas estratégias pedagógicas. Uma sugestão é organizar atividades que envolvam a leitura e a produção de textos em diferentes gêneros, possibilitando que os alunos experimentem as características e as especificidades de cada tipo de texto. Os estudantes também podem ser desafiados a analisar e comparar textos de gêneros distintos, identificando as semelhanças e as diferenças entre eles e refletindo sobre as particularidades de cada um.

Além disso, é importante que os professores incentivem os alunos a produzirem textos criativos e autênticos, explorando sua capacidade de expressão e estimulando sua imaginação. Os estudantes podem ser encorajados a escrever contos, poemas, crônicas, notícias, ensaios, dentre outros gêneros, e a compartilhar suas produções com os colegas, permitindo a troca de experiências e o enriquecimento mútuo.

Em suma, o uso dos vários gêneros textuais em sala de aula no processo de letramento é uma prática pedagógica fundamental para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos. A diversidade de textos contribui para a ampliação do repertório linguístico e cultural dos estudantes, estimulando sua criatividade, promovendo a inclusão e possibilitando a construção de uma visão mais crítica e reflexiva da realidade. Portanto, é essencial que os professores incorporem a variedade de gêneros textuais em suas práticas educativas, visando oferecer uma formação mais completa e significativa aos seus alunos.

O uso de gêneros textuais é uma porta aberta para que o aluno desenvolva seu senso crítico e possa se posicionar nas situações do seu dia a dia. Existem várias formas de se trabalhar em sala de aula com gêneros textuais, depende da criatividade do professor. É citado no presente artigo duas propostas de oficinas que permitem ao docente trabalhar de forma abrangente, prática e funcional para o aprendizado do aluno.

O papel fundamental do professor é repertoriar o discente e indicar o caminho para que esse ele cresça e assume seu papel na sociedade.

REFERÊNCIAS

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: O Trabalho com os Diferentes Gêneros Textuais em Sala de Aula: Diversidade e Progressão escolar Andando Juntas. Brasília: Diretoria de Apoio à gestão Educacional, 2012. 48p

CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 2009. 176p. (Coleção Pensamento e Ação na Sala de Aula)

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4). Disponível em: http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em 03 de abr.2016 KOCH, I. V., ELIAS, V.M.

Ler e escrever: estratégias de produção textual. 2ª Ed, São Paulo. Contexto, 2010. 220p.

MORAIS, A. G., ALBUQUERQUE, E. B.C. de, LEAL, T. F. (orgs). Alfabetização apropriação do Sistema de Escrita Alfabética. Belo Horizonte. Autêntica. 2005. 168p.

MORTATTI, M. do R. L. Educação e Letramento. São Paulo: Unesp, 2004.(Coleção Paradidáticos: Série Educação). Disponível em:http://www.amazon.com/Educa%C3%A7%C3%A3o-letramento-PortugueseRos%C3%A1rio-Mortattiebook/dp/B008RWHRCW/ref=sr_1_1?s=books&ie=UTF8&qid=1444829357&sr=1- 1&keywords=-MORTATTI. Acesso em: 05 de abr. 2016

MORTATTI, M. do R. L. História dos métodos de alfabetização no Brasil, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. Acesso em: 03 de abr. 2016 REGO, L.L.B. Alfabetização e Letramento: Refletindo Sobre as Atuais Controvérsias. Disponível em: . Data de acesso: 15 de set. 2015

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização – as muitas facetas, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf. Acesso em: 03 de abr. 2016

SOUZA, R. J. de; COSSON, R. Letramento lite-

rário: uma proposta para sala de aula. Disponível em: http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40143. Acesso em: 20 de abr. 2016